

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc

Mestrado Profissional em Educação

JARBAS PARISE MOSCATO

**CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS ESTÉTICAS AO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

Jaguarão

2019

JARBAS PARISE MOSCATO

**CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS ESTÉTICAS AO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr^a. Paula Bianchi

Jaguarão

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M894c Moscato, Jarbas Parise

CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS ESTÉTICAS AO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO / Jarbas Parise Moscato.

046 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2019.

"Orientação: Paula Bianchi".

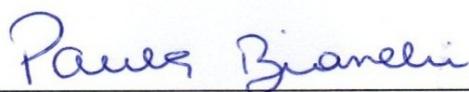
1. Oficinas Estéticas. 2. Atendimento Educacional
Especializado. 3. Educação. 4. Inclusão. I. Título.

JARBAS PARISE MOSCATO

**CONTRIBUIÇÕES DAS OFICINAS ESTÉTICAS AO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

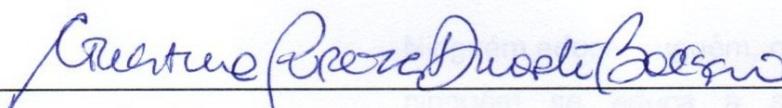
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02 de agosto de 2019.

Banca examinadora:



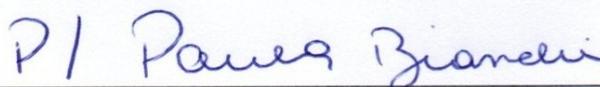
Prof. Dra. Paula Bianchi (Orientadora)

UNIPAMPA



Prof. Dra. Cristina Pureza Duarte Boéssio

UNIPAMPA



Prof. Dr. Kim Amaral Bueno

IFSUL

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire (1987)

RESUMO

Esta pesquisa buscou contribuir com o trabalho pedagógico oferecido pelo atendimento educacional especializado (AEE) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas por meio da realização de oficinas estéticas. Metodologicamente, para a obtenção dos dados foram utilizados os seguintes instrumentos: observação participante, diário de campo e discussão de grupo. Os resultados apontam que as oficinas estéticas oportunizaram aos estudantes a vivência de situações pedagógicas voltadas ao exercício da autonomia e do pensamento crítico.

Palavras-Chave: Oficinas estéticas; Educação; Atendimento Educacional Especializado; Inclusão.

RESUMEN

La investigación buscó contribuir con el trabajo pedagógico ofrecido por el atendimento educacional especializado (AEE), de la Escuela Municipal de Enseñanza Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas por medio de la realización de talleres estéticos. Para la obtención de los datos fueron utilizados los siguientes instrumentos: Observación participante, diario de campo y discusión de grupo. Los resultados apuntan que los talleres estéticos dan oportunidad a los ejercicios de la autonomía y del pensamiento crítico.

Palabras Clave: Talleres Estéticos; Educación; Atendimento Educacional Especializado; Inclusión.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escola Campo de Pesquisa.....	17
Figura 2 – Apresentação utilizada na 1ª oficina estética	21
Figura 3 – Imagens da exploração dos materiais.....	22
Figura 4 – Imagens apresentadas na 2ª oficina estética	23
Figura 5 – Sancho Pança e Dom Quixote.....	24
Figura 6 – Ensaio Luz e Sombra.....	26
Figura 7 – Manuseio de novos materiais na aula	28
Figura 8 – Produção coletiva do cata-vento.....	29
Figura 9 – Ensaio de enquadramento na Sala de AEE	29
Figura 10 – Nova olhar.....	30
Figura 11 – Eu na sombra.....	30
Figura 12 – Níveis e Sombras.....	31
Figura 13 – Níveis e cores e perspectivas.....	31
Figura 14 – Degradê de azul.....	32
Figura 15 – O ralo.....	32
Figura 16 – Quadrado amarelo.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participantes da pesquisa.....	18
Tabela 2- Cronograma das oficinas estéticas.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS	13
3 JUSTIFICATIVAS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	13
4 METODOLOGIA: FUNDAMENTAÇÃO E PROCEDIMENTOS.....	16
4.1 OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO: TÉCNICAS METODOLÓGICAS.....	16
4. 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO E DOS PARTICIPANTES	17
4.2.1 O contexto escolar	17
4.2.2 Os participantes da pesquisa.....	18
4.2.3 O trabalho de campo.....	18
5. APRESENTAÇÃO RESULTADOS	20
5.1 DESCRIÇÕES DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO CAMPO DE PESQUISA	20
5.2. REFLEXÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS NAS OFICINAS ESTÉTICAS	33
5.2.1 Oficina Estética 1	33
5.2.2 Oficina Estética 2	36
5.2.3 Oficina Estética 3	37
5.2.4 Oficina Estética 4	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

Com intuito de contribuir com o trabalho pedagógico oferecido pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) foram propostas oficinas estéticas, durante o primeiro trimestre de 2019, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas, situada na cidade de Jaguarão/RS. O público alvo do trabalho foi composto por quatro estudantes, com idades entre 14 e 18 anos, que apresentam deficiência intelectual. As atividades pedagógicas realizadas basearam-se no conceito de oficinas estéticas proposto por Da Ros, Maheirie e Zanella (2006).

Para o desenvolvimento deste estudo, o Atendimento Educacional Especializado foi compreendido na perspectiva da educação inclusiva. As salas de recursos multifuncionais em escolas públicas da educação básica brasileira visam ao atendimento das especificidades de estudantes com deficiência, sendo instituídas pela Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, como descrito a seguir:

Art. 2º - O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

A educação inclusiva apresenta como um de seus princípios a valorização da diversidade nos espaços escolares, sendo fundamental uma readequação da escola, de modo que possa beneficiar todos seus estudantes, especialmente aqueles que demandam de mais cuidados. Nesse sentido, ao pensar em uma escola inclusiva, busca-se também a construção de uma sociedade inclusiva, pois não é possível dissociar o papel da escola e da sociedade nos processos de formação dos sujeitos com necessidades especiais educativas.

Para garantir o acesso e a permanência desses grupos no espaço da escola foram organizadas políticas de inclusão educacional. A Declaração de Salamanca de 1994 foi um documento elaborado com objetivo de criar diretrizes básicas, afirmando que toda criança tem necessidades e aprendizagens únicas, sendo um marco importante para se pensar a educação inclusiva como um processo de acolhimento de estudantes com deficiência.

A partir deste documento foram abertos novos caminhos para legitimar esta modalidade de ensino. A Convenção sobre o direito da criança da Organização das

Nações Unidas (ONU) (1989), em seu artigo 23, dispõe especificamente sobre os direitos das pessoas com deficiência. Conforme a Convenção cabe aos Estados proporcionar à criança portadora de deficiências físicas ou mentais uma vida plena e satisfatória, em condições que garantam sua dignidade e facilitem sua participação ativa na comunidade, visando assegurar o seu acesso à educação.

Considerando que a educação é um direito universal, buscou-se a partir de experiências acumuladas em vários países colocar em evidência a educação como base na formação integral e social daqueles estudantes considerados deficientes e que não tiveram a oportunidade de concluírem a educação básica e não tiveram acesso à escola no período e na idade adequada para sua formação ou outros determinantes como situação sócio econômica, territorial e política que não os favoreceram para que fosse possível concluírem seus estudos nos prazos legais.

Nesse sentido, a Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 208, dispõe que “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 58:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

Adicionalmente, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 2, 11 de setembro de 2001), orientam que todos os estudantes devem ser matriculados, cabendo à escola a organização para o atendimento de estudantes com necessidades especiais.

A partir dessas políticas, o Ministério da Educação dá início à execução e implantação das Salas de Recursos Multifuncionais nas escolas públicas brasileiras com propósito de apoio educacional escolar, visando ao acesso e a permanência destes estudantes nos estabelecimentos de ensino. Contudo, apesar das legislações vigentes, muitas escolas ainda não efetivaram ações voltadas à inclusão dos estudantes com deficiência.

Nesse sentido, entre as estratégias que podem auxiliar na superação dessa realidade, destaca-se: 1) dar maior visibilidade à problemática da educação especial no projeto político-pedagógico e no regimento escolar das escolas; 2) diminuir o distanciamento entre as práticas pedagógicas realizadas pelos professores que atuam em sala de aula (professor regente de classe) e o AEE.

Foi a partir desse contexto que surgiu e desenvolveu-se a pesquisa apresentada neste relatório.

2. Objetivos

Foram objetivos desta pesquisa:

- Contribuir com o trabalho pedagógico oferecido pelo AEE, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas através da realização de oficinas estéticas;
- Promover ações de produção artística, buscando estabelecer situações comunicativas e expressivas entre os estudantes participantes da pesquisa;
- Tematizar a partir dos personagens principais do conto “A Batalha dos Moinhos de Vento” o contexto em que os estudantes participantes estão inseridos.

3. Justificativas para a realização da pesquisa

Considerando que a escolha da temática está intimamente relacionada com a minha história de vida, peço licença ao leitor para modificar a conjugação verbal do texto e adotar, intencionalmente, a primeira pessoa do singular na exposição dos trajetos e argumentos que justificam a pesquisa. Nesse sentido, concepções teóricas e experiências vivenciadas como artista e professor de artes, com atuação no Atendimento Educacional Especializado se entrecruzam para tecer uma narrativa, que organizei a partir do memorial da trajetória acadêmico-profissional.

O conhecimento em teatro faz parte da minha formação inicial em Educação Artística e nas vivências na produção de espetáculos teatrais como ator, cenógrafo, figurinista, desenhista e educador. Conclui a graduação em 1995, sendo que durante

o curso, trabalhei em projetos no campo das artes cênicas e plásticas e eventos artísticos. Particpei da criação da empresa Cia Retalhos de Teatro, que ganhou a estrada participando de festivais de teatro locais, regionais, interestaduais e até projetos internacionais no entorno do MERCOSUL.

Decorrente do bom nome da empresa na cidade de Santa Maria, em 1999, fui convidado pela Secretaria do Bem-Estar Social de São Vicente do Sul para trabalhar na instituição Casa da Criança Professora Maria Cony. Como responsável pelo Projeto Plantando Arte com crianças de periferia foram desenvolvidas práticas através do teatro. Fizemos muitas “artes”, sendo uma delas apresentada no Seminário Internacional de Educação por estas crianças com o espetáculo “Fora Cupim”. Logo recebi o convite do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), de São Vicente do Sul para lecionar o módulo de Desenho como professor colaborador e trabalhar com a montagem de teatro a partir de obras da literatura com grupos constituídos pelos alunos da escola. Desenvolvi atividades junto ao CEFET até o ano de 2004, quando mudei de cidade e região no Estado do RS.

Como já tinha experiência na Cia Retalhos com projetos culturais fui em busca de novos espaços. A cidade de Caxias do Sul, situada no polo metal-mecânico do RS, próspera e com excelentes possibilidades de incentivo à cultura parecia um espaço potencial. Quando apresentei a experiência do Projeto Cultural Passageiros da Alegria a uma coordenadora da Universidade de Caxias do Sul a proposta foi aceita, mas não era para o teatro apenas. Fui contratado para ministrar aulas de arte e educação num curso de capacitação de recursos humanos para área da deficiência mental. No entanto, havia um problema: em minha recente retomada demoraria alguns meses para acontecer. Durante esse período, busquei o conhecimento da prática com alunos com necessidades especiais. Foi através da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Caxias do Sul que me inseri no Projeto Recria vinculado ao Fundo de Assistência Social – FAZ. Comecei a cursar uma Especialização em Educação Especial na área de Deficiência Mental na Faculdade da Serra Gaúcha – FSG. Ministrei o módulo que me levava a buscar esta vivência, trabalhei Artes na Educação Especial e no ano seguinte fui contratado pela APAE com professor de Artes. Nessa instituição, percebi as inúmeras possibilidades do Teatro como meio de comunicação e sistematização do aprendizado e da cultura manifestada pelos alunos com deficiência mental. Paralelamente, desenvolvi com o

grupo de atores especiais os seguintes espetáculos: A Arca de Noé, Ensaios em Shakespeare e Romeu e Julieta.

Em 2008, passei a lecionar Artes na escola especial José Luis Piúma, em Jaguarão, na qual construí com o grupo de jovens e adultos o espetáculo Amores de Sertão. A montagem tecia relações com o grande período de estiagem atravessada pela região sul no 1º semestre de 2009. O trabalho obteve a premiação de 2º melhor espetáculo num festival regional. Mais tarde, fui nomeado como especialista para o Atendimento Educacional Especializado no município de Jaguarão para os anos finais do ensino fundamental. Passei a integrar também, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como Supervisor na área temática Alfabetização e Educação Inclusiva (2012-2013), Modalidades de Ensino: EJA e Educação Especial (2014-2016). O ingresso no Curso de Mestrado (2017) foi oportuno na reelaboração de muitos aspectos da vivência profissional. Estudar em serviço e compreender o processo de produção do conhecimento acadêmico, constituem dimensões significativas para o aprimoramento profissional, especialmente porque torna possível entender que nunca estaremos totalmente prontos.

Diante disso, concluo afirmando que o curso de Mestrado Profissional em Educação me proporcionou não apenas a oportunidade de qualificar a minha prática pedagógica, mas também refletir a minha atuação docente.

4. METODOLOGIA: FUNDAMENTAÇÃO E PROCEDIMENTOS

O estudo, de caráter qualitativo, estruturou-se na pesquisa de campo e no método da observação participante. Em relação ao método escolhido e sua relação com a área da educação, Marques (2016) destaca que “[...] a pesquisa de campo baseada na “observação participante” constitui um instrumento de grande ajuda para a compreensão de determinadas comunidades, inclusive as escolares” (p. 263).

Quanto ao fato do pesquisador e autor deste estudo ser também professor na escola campo de pesquisa e atuar no AEE, Marques (2016) estabelece um posicionamento em defesa da prévia experiência do pesquisador no contexto de pesquisa a ser investigado como uma dimensão positiva.

4.1 Obtenção da informação: técnicas metodológicas

Para a obtenção das informações necessárias foram utilizados como instrumentos metodológicos a observação participante, o diário de campo e discussão de grupo, complementados pela fotografia.

Observação Participante: Segundo Neto (1994), tal técnica mostra-se adequada, pois tem por finalidade obter informações sobre o contexto e realidade do objeto investigado, permitindo a interferência do pesquisador na realidade observada de forma não neutra. As técnicas podem ser assim descritas:

Diário de campo: Trata-se de uma ferramenta que permite ao pesquisador, registrar suas observações, reflexões, seus sentimentos e todos os acontecimentos importantes relacionados com as ações empreendidas, conforme Morin (2014).

Discussão de Grupo: Compreende-se esse espaço-tempo específico como uma instância obrigatória na constituição de uma comunidade pautada pela dialogicidade. Enquanto instrumento, a discussão em grupo atende a outras necessidades, pois “[...] visa complementar as entrevistas individuais e a observação participante” (NETO, 1999 p. 58).

Fotografias: Foram utilizadas, de forma a complementar a pesquisa e devidamente autorizados pelos participantes e seus responsáveis.

4.2 Contextualizações do campo e dos participantes

4.2.1 O contexto escolar

As oficinas estéticas foram realizadas no âmbito do Atendimento Educacional Especializado, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas. Atualmente, a escola possui 22 professores, divididos entre a educação infantil e o ensino fundamental.

A instituição dispõe de sala de professores, biblioteca, laboratório de informática, secretaria acadêmico-administrativa, sala de direção, sala de supervisão, sala de orientação educacional, sala de acompanhamento aos estudantes com deficiência, três banheiros masculinos e dois femininos sem acessibilidade, cozinha e refeitório, os quais possuem rampas de acessibilidade e quadra de esportes (sem cobertura). A escola oferece educação infantil, no nível de pré-escolar e ensino fundamental completo de nove anos, na modalidade presencial, totalizando, em 2019, 155 estudantes matriculados.

Figura 1: Escola campo de pesquisa



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Em relação ao Atendimento Educacional Especializado é realizado em uma sala denominada Sala de Recursos Multifuncionais. O trabalho com AEE acompanha os estudantes nas atividades pedagógicas sugeridas e planejadas pelos professores titulares (de sala de aula). O ideal de cada atendimento demanda a elaboração de um plano individualizado de ensino (PIE) o qual deve ser organizado

pelos professores da escola em conjunto com os professores que identificam as dificuldades de aprendizagem dos estudantes nas diferentes áreas do conhecimento e pelo educador especial. Contudo, destaca-se que a realidade na escola campo de pesquisa não tem sido assim, uma vez que os planos individualizados de ensino não têm sido elaborados pelos profissionais responsáveis.

4.2.2 Os participantes da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa contou com uma proposta envolvendo os estudantes atendidos no AEE, matriculados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Corrêa Ribas. Atualmente, quatro estudantes da escola necessitam de atendimento especializado, sendo três meninos e uma menina, com idades que variam entre 14 e 18 anos. Para a realização do estudo, os estudantes participantes e os seus responsáveis tiveram que assinar o Termo de Assentimento.

De forma sintética, o grupo mantém esta distribuição e atribuições:

Tabela 1: Participantes da pesquisa

ESTUDANTE	IDADE	SEXO	NECESSIDADE EDUCATIVA	ANO ESCOLAR
1	15 anos	M	Estímulo à modificabilidade estrutural da função cognitiva deficiente seja ela na recepção, elaboração e resposta	6°
2	18 anos	M		9°
3	16 anos	M		7°
4	15 anos	F		7°

Fonte: Elaboração do pesquisador, baseado em *Learning Potential Evaluation Development* (2008).

4.2.3 O trabalho de campo

O trabalho de campo com as oficinas estéticas baseou-se no estudo desenvolvido por Maheirie (2006). De acordo com a referida autora, a significação deste processo social é compreendida como um conjunto de fatos, de representações singulares de algo distinto, exclusivamente humano de transformações das relações sociais e das práticas destas ações para preservação de costumes, crenças, gerando novas construções e novos saberes para preservação desta comunidade.

Tabela 2- Cronograma das oficinas estéticas

Encontro	Atividade proposta	Avaliação
1º (29/05)	Apresentação da proposta aos estudantes participantes	Conhecer a opinião e sugestão dos estudantes acerca da proposta. Registrar as reações e comentários dos estudantes no diário de campo.
2º (05/06)	Utilização do conto “Lutando contra os Moinhos de Vento” para discutir sobre os contextos de vida dos estudantes.	Compreender como os estudantes analisam os materiais apresentados e o que aprenderam com as atividades.
3º (12/06)	Construção artística relacionada às discussões anteriores.	Identificar o que os estudantes construíram durante o encontro, bem como aquilo que aprenderam através das atividades realizadas.
4º (19/06)	Produção estética a partir de registros fotográficos.	Promover o uso da fotografia como forma de expressão, bem como identificar o que os estudantes aprenderam com a atividade proposta.

Fonte: Elaboração do pesquisador

Para o planejamento das oficinas estéticas, escolheu-se o conto “Lutando contra os Moinhos de Vento” (CHIANCA, 2010). Trata-se de um fragmento derivado da obra Dom Quixote de La Mancha, sendo que a sua escolha se justifica por ser muito citada em livros didáticos disponíveis nas escolas públicas. A história narrada no conto contempla uma discussão sobre o possível e o impossível, o real e o imaginário, a loucura e o desejo de realizar atos de nobreza e também de suas fusões.

Os elementos presentes no conto selecionado serviram como dispositivos de diálogo entre professor pesquisador e estudantes durante os encontros. De modo geral, as discussões centraram-se no que seria para os estudantes o real e imaginário. A utilização de imagens artísticas partiu da necessidade de transposição das representações concretas para o pensamento abstrato do grupo. Isto é, a partir das imagens, buscou-se conectar com a realidade dos estudantes. Por exemplo, na cidade de Jaguarão figuras como cavalo, cavaleiro, empregado, pobre e rico também fazem parte do cotidiano dos estudantes assim como em algumas passagens significativas do conto selecionado.

Acredita-se que a aproximação com educação estética nos espaços do

Atendimento Educacional Especializado pode contribuir com aprendizagens mais significativas do estudante com deficiências intelectuais, conforme aponta Neves (2017, 492), “[...] a Arte baseada na expressão e na liberdade criadora, contribui para a educação dos sentidos em que se baseiam a consciência, o raciocínio e a inteligência do indivíduo”.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As oficinas estéticas ocorreram na sala do Atendimento Educacional Especializado, em horário diferente do atendimento regular dos estudantes participantes. Os encontros foram planejados com base na proposta apresentada por Maheirie (2006), adaptada para o trabalho com os estudantes.

Para a realização das oficinas estéticas, optou-se pelo emprego do conto “Lutando contra os Moinhos de Vento”, que serviu como fio condutor para as discussões e produções estéticas com os estudantes participantes da pesquisa.

5.1 Descrições das atividades desenvolvidas no campo de pesquisa

A **primeira oficina estética** ocorreu em 26 de maio de 2019, e buscou-se explorar o conhecimento sobre estética a partir do conto “Lutando contra os Moinhos de Vento”. A sala foi organizada de modo que todos se sentassem em círculo, permitindo uma visão geral da sala e o pesquisador, no papel de observador participante, pudesse se colocar num ângulo onde observaria com maior abrangência suas reações e relações com o trabalho a ser desenvolvido no encontro.

Para iniciar a discussão com os estudantes, preparou-se uma apresentação, com algumas imagens referentes à obra literária Dom Quixote de La Mancha, juntamente com o conto “Lutando contra os Moinhos de Vento”, utilizando o projetor multimídia para sua exibição em sala, ressaltando que o uso da obra literária na sua totalidade necessitaria de um tempo maior que o destinado para o campo de pesquisa.

Figura 2: Apresentação utilizada na 1ª Oficina Estética



Fonte: Elaboração do pesquisador

Nesta etapa, priorizou-se o uso de imagens e a problematização com os participantes sobre os elementos contidos nelas, a partir da exploração visual e das suas diferenças estéticas, suscitando livres interpretações.

Durante todo o tempo, o diálogo sobre as imagens e representações dos personagens em diferentes formatos foi pautado por questões problematizadoras. Nesse contexto, os comentários feitos pelos estudantes foram ocorrendo marcados pela dificuldade da escrita e pela ausência das representações imagéticas. Buscou-se enfatizar nos diálogos, as características principais dos personagens Dom Quixote e Sancho Pança. Resultante disso, surgiram questões sobre fidelidade, por exemplo, sendo que os estudantes destacaram o papel do fiel escudeiro de Dom

Quixote, o Sancho Pança. É possível perceber que a realidade vivida ganha sentido nas falas do grupo, pois ao perguntar sobre quem era o fiel escudeiro de cada um, ficou evidenciada a representação da mulher como ser de proteção e fidelidade presente no universo dos estudantes participantes.

Ao tentar identificar o que o grupo entendia sobre oficinas estéticas, notou-se que as compreensões variaram muito. Para dois dos estudantes participantes cujos pais são proprietários de oficina mecânica, o entendimento de oficina é de carro/automóvel. Já, para outra estudante que tem uma irmã que trabalha num salão associa oficinas estéticas com beleza.

Para a finalização do encontro, os estudantes puderam explorar livremente o material bibliográfico levado para o encontro (livros em português e espanhol, livros didáticos, imagens impressas e gravuras) a partir do que mais chamava a atenção de cada um.

Figura 3: Imagens da exploração dos materiais



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

A **segunda oficina estética** ocorreu no dia 05 de junho de 2019, na sala do AEE, com duração de quatro horas e participação de cinco estudantes. O encontro teve como objetivo tematizar os contextos de vida dos participantes com base no

conto selecionado.

Inicialmente, foram retomados elementos discutidos na oficina anterior, lembrando o que havia sido estudado, bem como os personagens principais do conto. Após, foram apresentadas novas imagens referentes à obra, com o uso do projetor multimídia.

Figura 4 Apresentação utilizada na 2ª Oficina Estética

<p>1 ☆</p> <p>Etapas da oficina estética 2 Um dos trechos mais famosos O Encontro com os moinhos de ventos https://www.vg</p> 	<p>4 ☆</p> <p>Prosaico (normal, natural, simples) Materialista (todo modo de viver é voltado para os bens materiais).</p> 
<p>2 ☆</p> <p>Compreendendo o universo ficcional dos personagens Don Quixote E Sancho Pança</p>	<p>5 ☆</p> <p>Visionário e sonhador</p> 
<p>3 ☆</p> 	<p>6 ☆</p> <p>Propor a construção de heróis em situações vividas...</p> <p>O que vocês compreendem por:</p> <p>OFICINAS ESTÉTICAS...</p>

Fonte: Elaboração do pesquisador

Considerando a intencionalidade de discutir sobre os contextos de vida dos participantes através de um exercício criativo foi utilizado o áudio livro Dom Quixote de La Mancha, apresentado por Leonardo Chianca (Editora DCL, 2010), especificamente, o conto denominado “Lutando contra os Moinhos de Vento”.

Neste dia, notou-se que os estudantes estavam mais dispersos. Um dos participantes estava de aniversário e outra estudante tinha levado bolo para a comemoração. Além disso, antes do grupo se dirigir até a sala, um dos estudantes foi chamado na Direção devido um fato ocorrido na parte da manhã, o que acabou alterando o seu envolvimento nas atividades propostas na oficina e na interação com o grupo.

De modo geral, os estudantes escutaram atentamente o áudio escolhido justamente para que não houvesse interferência de imagens durante essa etapa. A partir disso, foram feitas provocações por parte do professor sobre as representações mentais que cada estudante tinha construído e como podiam explicar estes pensamentos.

Foram discutidas as diferentes interpretações que o grupo apresentou. Alguns se lembraram do encontro anterior, outros dos motores eólicos existentes na região sul do Estado do RS. O professor pesquisador ressaltava o uso da palavra “moer”, com exemplos do milho inteiro quebrado, farinhas, trigos e outros grãos. A maioria das vivências dos estudantes participantes é constituída por experiências rurais e urbanas, concomitantemente, o que dava mais sentido à expressão “moinhos de vento”. Curiosos com o funcionamento mecânico desses aparatos, um dos estudantes solicitou que fosse apresentado um moinho por dentro. Com isso, o professor pesquisador ilustrou no quadro com desenhos um moinho “por dentro” e disse que levaria alguns exemplos na próxima oficina, procurando acolher a curiosidade criativa dos estudantes. Nesse sentido, Freire (1996) aponta que “não haverá criatividade sem curiosidade” o que se torna evidente no comentário do estudante.

Após, foram apresentadas duas imagens da obra que serviram como elemento problematizador para analisar as representações que se tem atualmente sobre os tipos de pessoas que vivem próximas e serem comparadas em seus modos de vida, com observância para a representatividade social aceito ou não pela sociedade

como sujeitos ideais ou características das imagens no contexto das oficinas estéticas. Classificamos Sancho Pança e discutimos o sentido da definição de “Prosaico” e “Materialista” e do personagem Dom Quixote com o atributo “Visionário” e “Sonhador”.

Figura 5: Imagens utilizadas na oficina: Sancho Pança e Dom Quixote



Fonte: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/>

Com as apresentações dos personagens separadamente, foi possível estabelecer uma relação entre o real e o imaginário, o ideal e o concreto. Os estudantes foram desafiados com a seguinte pergunta: Sem conhecer a história destes sujeitos, quais seriam os mais aceitos na sociedade em que vivemos?

As respostas foram quase unânimes de que a figura do cavaleiro seria mais aceita. Aqui, se constata que as representações sociais são determinantes para a aceitação de um sujeito por um determinado grupo de acordo com sua aparência. Também, houve argumentação em defesa do personagem Sancho, por um dos estudantes.

Inicialmente, foi sugerido aos estudantes que eles poderiam utilizar os seus aparelhos celulares livremente para registros durante as oficinas. Durante a segunda oficina, os estudantes voluntariamente começaram a utilizar os seus telefones móveis para registrar o encontro. Isso gerou uma movimentação muito grande, fazendo com que os estudantes fotografassem além do professor, os colegas e os objetos ao seu redor. Nesse momento, percebeu-se que as ações dos estudantes extrapolaram o planejamento da oficina, criando situações mais dinâmicas e despertando no professor pesquisador um olhar mais crítico quanto às oficinas estéticas e suas possibilidades.

A partir disso, foi proposto pelo professor um exercício de direcionamento do

olhar. Deu-se início a discussão sobre como percebemos o espaço que nos cerca, como observamos os detalhes dos objetos e foram surgindo respostas curiosas. Usando “óculos”, “lunetas”, “microscópio”, procurou-se reforçar que quando os estudantes olhavam através dos celulares para fotografar estavam olhando para uma moldura, uma limitação do olhar e um foco objetivo.

Estabeleceu-se um paralelo com o cinema, os quadros da sala de aula, quadrados até que chegamos a proposta de realizarmos molduras de papel como exemplos concretos destas informações que foram discutidas anteriormente. Por meio dessa atividade, as sobras dos recortes foram se acumulando e os excessos dos retalhos dos papeis foram produzindo sombras, que começaram a ser observadas pelos estudantes. Estes por sua vez, as interpretavam de forma livre, lembrando cavalos, espadas, entre outros. Perceberam que, ao mudar de posição os retalhos, as sombras adquiriam formas de montanhas, por exemplo. Estas observações foram pautadas por elementos contidos no conto, oportunizando trabalhar o universo dos personagens Sancho Pança e Dom Quixote.

Os estudantes puderam perceber que a forma e a cor se alteram, dando novos significados para o objeto observado. As sombras produziam outros elementos estéticos visionários e a mudança da luz foi observada pelo grupo como um segundo elemento que está presente no objeto real. A sombra delimita outros campos perceptivos, desenhando novos significados.

Figura 6: Ensaio Luz e Sombra



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

A partir da experiência, os estudantes perceberam, através das mudanças ocorridas nos ensaios fotográficos, que o objeto concreto se deforma com a luz o que sugere novas interpretações imagéticas. Cada movimento feito com a luz do celular despertava a curiosidade dos estudantes. Uma estudante associou o movimento que ela fazia com a luz do celular ao movimento do sol, evidenciando que o real e o imaginário se inter cruzam. As oficinas estéticas permitiram a construção de um processo reflexivo dos temas discutidos tanto para o professor pesquisador como para os sujeitos participantes.

A **terceira oficina estética** ocorreu no dia 12 de junho de 2019, com duração de quatro horas e participação de 03 estudantes. O encontro teve como temáticas Memórias e Histórias: construção estética das vivências, que foi proposta através de processos de criação de objetos tridimensionais a partir da história “Lutando contra os Moinhos de Vento”. Para o desenvolvimento das atividades o espaço foi readequado, causando um atraso no início da oficina estética. A oficina buscou estimular a produção artística de elementos relacionados com a obra em questão.

É necessário destacar que alguns fatores alteraram o andamento das atividades propostas para o encontro, sendo eles: a acomodação de materiais advindos da secretaria de Educação na sala do AEE e dois participantes do projeto viajaram para a Festa Nacional do Doce - FENADOCE, evento anual realizado na cidade de Pelotas, RS.

Inicialmente, foi explicado ao grupo que seriam utilizados diferentes tipos de materiais para a construção de objetos. Para isso, foi necessário esclarecer sobre o que era uma obra tridimensional, apresentando exemplos concretos como videogames que fazem parte do cotidiano dos estudantes e trazem uma representação gráfica em três dimensões. Para a confecção dos objetos foram usados materiais como: caixas de papel, pedaços de madeiras, arames, máquinas de costuras, grampeadores.

Foi enfatizado que as próprias ferramentas possuíam características estéticas distintas e estas características diferem de um objeto para o outro na sua forma, cor, textura, temperatura, peso, etc. Apresentados os materiais e as ferramentas aos

estudantes, foi possível perceber que eles não estavam familiarizados com o manuseio das ferramentas, apesar de conhecê-las tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de manuseá-las antes seja na escola ou fora dela.

Sobre isso, observa-se que o ensino desenvolvido do modo bidimensional (quadro e giz), caderno e caneta e a sala de aula sempre organizada metricamente possuem um significado muito presente no sentido da aprendizagem para eles. Entretanto, mesmo apresentando dificuldades como a utilização de algumas ferramentas começou, sob a mediação docente a produzir seus objetos.

Figura 7: Manuseio de novos materiais na aula



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

No final do encontro, foram discutidos quais as dificuldades que eles encontraram em utilizar as ferramentas e os materiais e os participantes relataram que não sabiam como manuseá-los, sendo que a família procurava alertá-los e mantê-los distantes destes tipos de objetos para que não se ferissem. Um dos participantes relatou ter-se machucado o que causou muito transtorno em casa. Outras questões que fizeram parte dos diálogos como a importância do trabalho em grupo, a ajuda colaborativa e a aprendizagem dos significados construídos.

Figura 8: Produção coletiva do cata-vento



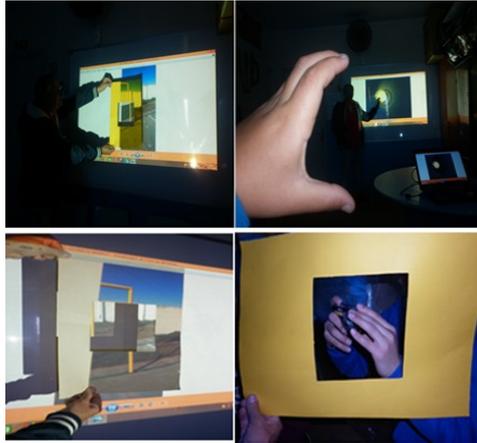
Fonte: Registro pessoal do pesquisador

A **quarta oficina estética** foi realizada no dia 19 de junho e participaram os quatro estudantes. Inicialmente, foram recordados os objetivos do encontro e as ações que seriam desenvolvidas. Na sequência, foi proposta a produção de fotografias, partindo da sala para outros espaços externos da escola.

Com base nas imagens produzidas pelos estudantes no segundo encontro, foi elaborado material com orientações sobre a tarefa (produção de registros fotográficos) a ser realizada.

Após eles começaram as seções de fotografia a partir de suas percepções do espaço (dentro e fora da sala), os estudantes expressaram curiosidade sobre as mudanças que as imagens sofriam de acordo com as diferentes posições em relação à luz solar. Realizaram ensaios fotográficos de razoável qualidade estética, evidenciando que o que aprenderam sobre fotografia em sala de aula, também foi aplicado na realização desse exercício.

Figura 9: Ensaios de enquadramentos na sala de AEE



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Figura 10: Novo olhar



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Durante a realização desta oficina, notou-se que os estudantes não se consideravam apenas observadores da cena, mas sim se colocavam como autores e atores das imagens obtidas, o que se pode observar através das fotografias a seguir.

Figura 11: Eu na sombra



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Figura 12: Níveis e sombras



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Após a incursão fotográfica na quadra da escola, retornou-se para a sala para encerramento encontro e preparar o espaço para a confraternização final. Durante este tempo, foram exibidas as imagens obtidas pelos estudantes com a utilização de um projetor multimídia.

Figura 13: Níveis e cores e perspectivas



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Entre as questões levantadas na discussão em grupo, destacam-se as seguintes: “Quem tinha feito o registro da foto?” e “Como foi feita, o que situava e em que momento e com quem estavam quando foi registrada?”

Surgiram comentários relacionados a cor, a forma, o momento da captura da imagem, qual colega estava presente, entre outros, o que possibilitou os diálogos

sobre os diferentes pontos de vistas estéticos de cada imagem. Desde o primeiro encontro, onde eram apontadas as diferenças dos personagens e características distintas, um dos estudantes salientou, ao analisar uma das suas fotos, que a imagem possui contraste de cor. Nota-se, portanto, que o comentário do estudante foi aprendido no processo vivenciado, pois não era usado em seu vocabulário, demonstrou sua percepção do diferencial para análise da imagem.

Figura 14: Degradê de Azul



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

O trabalho em grupo auxiliou os demais participantes da pesquisa a buscar, propor, subverter o olhar, criar novas possibilidades, novas formas de experimentar a fotografia. Um dos participantes fotografou um ralo numa interpretação muito particular “porque estava sem tampa e era muito perigoso ficar aberto”. A seguir, são apresentados alguns exemplos de imagens capturadas pelos estudantes.

Figura 15: O Ralo



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

Figura 16: Quadrado amarelo



Fonte: Registro pessoal do pesquisador

O grupo de estudantes registrou elementos muito particulares, com o olhar voltado para outros elementos da imagem como as sombras e suas formas distorcidas dando novas interpretações. O elemento cor foi bem explorado, usaram os diferentes níveis para focar e valorizar as imagens, níveis aqui compreendidos como níveis baixos, médios e altos, foram características percebidas e exploradas pelos estudantes.

5.2 REFLEXÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS NAS OFICINAS ESTÉTICAS

5.2.1 Oficina Estética 1

O desafio das oficinas estéticas foi estabelecer uma conexão entre os elementos da realidade com a ficção. As oficinas foram desenvolvidas a partir do conto “Lutando contra os Moinhos de Vento” (CHIANCA,2010). Além deste, foram utilizadas imagens extraídas de livros, materiais didáticos e da internet para auxiliar e ilustrar o conto. No trabalho de pesquisa, o grupo era composto por estudantes de diferentes habilidades e anos escolares. Na dinâmica do trabalho, as mediações com os estudantes priorizaram o uso das imagens para instigar os relatos orais.

As interlocuções se davam de forma espontânea por parte dos estudantes, suas indagações sobre o conto junto com os materiais impressos foram os elementos a serem analisados proporcionaram os suportes para os registros e as reflexões do pesquisador.

As oficinas foram planejadas com o intuito de estimular o desenvolvimento ou o aprimoramento de habilidades e competências dos estudantes, levando em consideração as diferentes realidades ou modos de ver a realidade circundante, as percepções individuais a respeito dos personagens apresentados no conto. Nesse sentido, foi possível perceber a necessidade do desenvolvimento da capacidade de compreensão dos distintos modos e formas que cada estudante aprende os conteúdos. Através das singularidades dos relatos dos estudantes e das suas representações foram percebidas diferentes interpretações relacionadas com o conhecimento de cada um e das experiências vividas no cotidiano. Sobre isso, pode-se dizer que.

Tudo que acontece na fantasia influi reciprocamente nos sentimentos. Mesmo quando não coincidem com a realidade concreta, os sentimentos são experienciados como reais. Essa experiência acontece com qualquer representação, por mais fantástica que seja; exemplos ilustrativos são as experiências emocionais com as obras de arte, os livros, o teatro, a música, etc., que despertam um complexo de sentimentos e emoções relacionadas a fantasia. (MOLON, 2006, p. 103).

Ao analisar as falas dos estudantes verificou-se que eles indicaram que “aprendiam melhor quando ouviam”, “assim era melhor que escrever” e “com figuras era mais fácil de entender”. Isso reforça a importância de utilizar a arte nas atividades escolares.

Ao abordar a relação entre o antigo e o novo, foram ouvidos questionamentos dos estudantes como: “ele escreveu só este livro?” ou “tinha maquina de escrever?” O que demonstra a necessidade constante da mediação docente, buscando ressignificar os elementos presentes na obra abordada, como por exemplo, os moinhos de vento, que foram associados pelos estudantes às pás eólicas.

Essa situação remete ao pensamento de Baron (2004)

Se quisermos construir um mundo inclusivo e democrático, precisamos redefinir a alfabetização para incluir todas as inteligências e as suas linguagens e aplicar esse novo entendimento através de métodos de libertação. Precisamos situar a palavra escrita como uma das linguagens dentre outras que compõem um processo permanente, que podemos chamar de “alfabetização cultural”. (BARON, 2004, p.38).

Em relação as características dos personagens, elementos como bravura, heroísmo, servidão, fidelidade eram palavras que, aos poucos, o grupo

ressignificava, conforme suas experiências de vida. O conceito de fiel escudeiro, por exemplo, suscitou muitos comentários entre os estudantes. A figura materna desponta de forma unânime em relação ao sentido de fidelidade, cuidado e defesa em suas vidas. Ficou evidente que a família consiste no esteio para a autonomia, decisões e proteção desses sujeitos.

Durante a realização da oficina, observou-se que os estudantes foram percebendo que solitários não conseguiam realizar as tarefas, o que pode ser exemplificado pela fala de uma das participantes “um ajuda o outro”. A construção da identidade coletiva dos estudantes foi ponto positivo durante todo o processo da pesquisa, fazendo-se perceber nas relações afetivas no grupo em cada encontro.

5.2.2 Oficina Estética 2

Durante essa oficina, enquanto ouviam o conto narrado por Leonardo Chianca (2010) se remetiam às imagens apresentadas dos personagens e as paisagens da oficina anterior. Buscou-se estabelecer um paralelo entre o conto “Lutando contra os Moinhos de Vento” e a realidade dos estudantes. A relação ficção *versus* realidade foi aprendida pelo grupo, tornando-se evidente no comentário de um dos estudantes ao comparar o cavalo e Sancho Pança com os cavaleiros comuns nesta região.

Foram usados recortes e desenhos para registrar as interpretações do conto. O desenho a partir do imaginário dos estudantes continha formas abstratas e concretas, variando de acordo com a capacidade interpretativa de cada um. Nesta atividade, os papeis e seus recortes foram acumulando-se sobre o espaço da mesa, projetando sombras que foram percebidas por um dos participantes. Esta percepção desencadeou os registros fotográficos, tornando uma nova possibilidade criativa. Arnheim (2008) indica que

Por meio da sombra projetada uma casa atravessa a rua e atinge a casa da frente e uma montanha pode escurecer as vilas de um vale, com a imagem de sua própria forma. Desta maneira as sombras projetadas dotam os objetos de um estranho poder de provocar obscuridade. Mas este simbolismo torna-se artisticamente ativo somente quando a situação perceptiva resulta compreensível aos olhos [...] (p. 304)

As impressões com relação às sombras projetadas possibilitaram novas formas de ilustrar o conto. As fotografias obtidas pelos estudantes serviram como material de análise para os diálogos no grupo, tornando o pensamento subjetivo dos estudantes em diálogos objetivos sobre cada imagem fotografada por eles, que nas suas falas adquiriam dimensões de novas possibilidades criativas.

Durante as atividades realizadas nesta oficina, percebeu-se que houve um processo de ressignificação do conto com o uso de imagens, como aponta Maheirie (2006):

Entra-se no plano da imagem como processo simbólico em que os sinais da realidade captados e transformados em imagem adquirem significação para o sujeito e estas significações permitem recriar uma nova realidade externa semelhante à imagem que ele tem da realidade. (p. 53)

Ressalta-se que as oficinas estéticas utilizavam imagens como referência, buscando, por sua vez, inspirar novas percepções do real através das falas, nesta

pesquisa, dos estudantes. Sobre isso, Ostrower (2009) aponta que

Do mesmo modo que a percepção, a intuição é um processo dinâmico e ativo, uma participação atuante no meio ambiente. E um sair-de-si e um captar, uma busca de conteúdos significativos. Os processos de perceber e intuir são processos afins, tanto assim que não só o intuir está ligado ao perceber, como o próprio perceber talvez não seja senão um contínuo intuir. Em todo ato intuitivo entram em função as tendências ordenadoras da percepção que aproximam, espontaneamente, os estímulos das imagens referenciais já cristalizadas em nós. [...] É sempre uma escolha valorativa visando a algum tipo de ordem. Parte-se, no fundo, de uma ordem já existente para se encontrar outra ordem semelhante, uma vez que se indaga sobre os acontecimentos segundo um prisma interior, uma atitude, por mais aberta que seja já orientada e, portanto, orientadora. (p. 66-67).

Estas novas impressões dos estudantes junto com suas falas proporcionou um material instigante e reflexivo a fotografia, que associadas as falas espontâneas resultou em novas imagens e novos pensamentos que os auxiliaram a estabelecer diálogos mais fluídos e críticos sobre suas produções. Percebeu-se mais independência nas decisões por parte dos estudantes, ilustradas nesta oficina com o uso da fotografia, percebidas, por exemplo, quando um dos estudantes se coloca na sombra do objeto fotografado como parte do integrante do cenário observado, tornando-se também ator de suas próprias criações estéticas.

5.2.3 Oficina Estética 3

No decorrer da terceira oficina foi proposta a construção de objetos tridimensionais. Tomou-se por base a oficina anterior onde foram utilizadas as ilustrações e fotografias sobre o conto “Lutando contra os Moinhos de Vento”.

Ao apresentar os materiais, percebeu-se que os estudantes necessitavam de mais tempo para praticar com as ferramentas apresentadas, pois os estudantes conheciam os materiais, mas não detinham habilidades necessárias para usá-los o que levou a pensar sobre a atividade que foi proposta. Nos comentários dos estudantes ficou evidente que não manuseavam aquelas ferramentas por recomendação familiar, com receio de que eles se ferissem.

Sobre isso, acredita-se que a autonomia e a motivação não são levadas em conta no desempenho de suas tarefas fora da escola, devido aos cuidados e proteção que a família dispensa para estes estudantes e suas especificidades por

serem atendidos pelo AEE. Essa situação dificultou o desempenho dos estudantes na atividade proposta.

Durante o encontro, observou-se uma mudança de percepção dos estudantes em relação ao início da pesquisa, quando não se consideravam como um grupo que estava desenvolvendo uma pesquisa, sentiam-se mais como frequentadores do AEE. Essa percepção foi mudando e, logo, perceberam que o horário era diferenciado do quadro dos horários dos atendimentos individualizados, além disso, tratava-se de um trabalho coletivo e não individual. As diferenças individuais foram sendo superadas através de ações colaborativas entre os participantes da pesquisa.

Além disso, outro evento observado trata de que, aos poucos, os estudantes foram se identificando como coautores da pesquisa, participando das decisões e não apenas receptores.

5.2.4 Oficina Estética 4

A partir das construções e dos diálogos estabelecidos nas oficinas anteriores, pautadas pelo conto escolhido e pelas ilustrações literárias, foram propostas atividades em local externo. O grupo foi até a quadra de esporte da escola em busca de impressões para exercitar o imaginário na realidade. O uso da fotografia foi uma das atividades descobertas que os estudantes se identificaram e desempenharam com afinco e liberdade expressiva, brincando, criando e se recriando estudantes autônomos.

Neste momento, foi possível perceber que os estudantes não agiam mais como sujeitos passivos das ações propostas pelo pesquisador, mas como protagonistas. Em suas falas foram registrados comentários como: “ao mudar a posição no chão, muda também o formato da sombra!”; “Contraste divisório de azuis”, demonstrando a aquisição de um novo vocabulário decorrente do processo vivido nos encontros.

O fazer-junto-com-o-aluno o coloca na possibilidade de experimentar outras formas de relações em que o exercício da criatividade torna-se possível, em que a sensibilidade do aluno e do professor se constrói nas interações de sujeitos concretos; de sujeitos não cindidos pelas relações autoritárias ainda dominantes nas instituições de ensino, que superdimensionam o racional e negam o sensível e o

criativo como dimensões fundamentais para a constituição dos seres humanos. Tudo isso, exige a reelaboração de novos conceitos e as oficinas provocavam estas indagações. Conforme Rossi (2003):

As construções no domínio da leitura estética dependem de inúmeras variáveis, que atuam na interação do sujeito com seu meio [...] Piaget notou que as crianças descobrem que as regras não são imutáveis e eternas, ao discutirem e elaborarem duas próprias regras. Sabe-se que o julgamento moral, também vinculado ao desenvolvimento cognitivo, não é favorecido em todas as sociedades, e nem sempre os estágios mais avançados sejam alcançados. Da mesma forma outros teóricos desenvolvimentistas já mencionaram que o desenvolvimento depende das interações com o objeto do conhecimento. (p.130).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que todo processo pode ser ressignificado e as oficinas estéticas engendraram com os participantes a (re) experiência de si na relação com artefatos imagéticos na relação com o coletivo por meio de atividades artísticas de (auto) produção e da convivência ético-afetiva.

As oficinas estéticas podem ser consideradas um caminho a ser trilhado nos processos pedagógicos no AEE. A educação especial tange práticas normativas, mas há quem acredite que é também um caminho não sabido e aberto ao impossível, pois laudos e diagnósticos não são capazes de determinar as atividades criadoras e imaginárias dos estudantes com deficiência. Com o trabalho realizado, tornou-se visível o protagonismo e a autonomia dos estudantes, respeitando as especificidades de cada um.

No decorrer das oficinas estéticas já era percebido o processo de compreensão dos estudantes com a linha que separa a realidade da atividade imaginária. Segundo Oliveira (2008):

Vários aspectos entram em jogo na configuração da atividade imaginária: a experiência acumulada do sujeito, no plano real; o conhecimento de modelos de técnicas e modelos de criação construídos historicamente; os afetos que se configuram dentro do contexto em que a atividade imaginária se delineia e o exercício da capacidade de operar com novas combinações de traços abstraídos do real e de objetivar, de dar forma material aos frutos da imaginação. (p.243).

Ao problematizar a realidade vivida realizando aproximações com o universo imaginário do conto, os estudantes compreenderam que juntos estariam discutindo a realidade e o cotidiano da escola e as diferentes formas de aprender, juntamente com o professor através das oficinas. Com os exercícios propostos sobre o conto e a percepção do universo que separa o sonho da realidade um dos estudantes, tentou explicar para outro colega como se dava essa relação através das seguintes palavras: - “Real é aquilo que dá pra ver” e - “imaginação é igual a sonhar”. Houve uma mudança de ponto de vista, uma representação mental aprendida e expressada na oralidade.

Há que considerar que esta geração possui uma aproximação real com as tecnologias. No desenvolvimento das oficinas optaram por buscar suas impressões

para ilustrar o que entendiam sobre a realidade do objeto fotografado e as interpretações subjetivas de como viam o seu entorno, rico em detalhes antes não percebidos, o que ficou expresso em suas fotografias, um exercício rico em experimentação do olhar, que posteriormente foi analisado no retorno para a sala.

Pode-se dizer que os estudantes participantes das oficinas integraram atividades criativas e tiveram despertado um novo olhar diante da realidade cotidiana, tendo sua sensibilidade e criatividade incentivadas, desencadeando processos de aprendizagens também mais significativos. As diferenças foram sendo substituídas por companheirismo, autonomia e confiança entre os participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora**. Trad. Ivone Terezinha de Faria, - São Paulo: *Cengage Learning*, 2008.
- BARON, Dan. **Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade**. São Paulo: Alfarrábio, 2004.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 4**, de 2 de outubro de 2009. Acesso em 15 de outubro de 2017. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial – SEESP, Brasília, 2001.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei 9394 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** de 26 dezembro de 1996. Acesso em 05 de maio de 2018. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm
- DA ROS, Silvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. (Org.). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. 1ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.
- FREIRE, **Paulo Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, **Paulo Pedagogia a autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- Learning Potential Evaluation Development - Curso Avaliação do Potencial Dinâmico de Aprendizagem (LPAD) – FUNÇÕES COGNITIVAS DEFICIENTES*, International Center for the Enhancement of learning Potential. Impresso, São Paulo:2006

- MAHEIRIE, Kátia; O desenho de uma proposta de formação continuada de professores com oficinas estéticas. In: DA ROS, Silvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. (Org.). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. 1ª ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.
- MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. In **Educação em Foco**, ano 19 - n. 28 – mai./ago. 2016 p. 263-284. Disponível em <http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221/985>
- MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Pesquisa-Ação numa Perspectiva Inclusiva: reflexões e ações. In: BAPTISTA, Claudio Roberto, CAIADO, Katia Regina Moreno e Denise Meyreles de Jesus (Orgs). **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2008.
- MOLON, Susana Inês. **Subjetividade, sujeito e atividade criadora**: questões para a formação continuada de educadores(as) na abordagem sócio-histórica. In: DA ROS, Silvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. (Org.). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. 1ed.Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.
- MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropopedagogia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de Campo como descoberta e criação**. In: DESLANDES, Suely Ferreira, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (Orgs). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- NEVES, Libéria Rodrigues. Contribuições da Arte ao Atendimento Educacional Especializado e à Inclusão Escolar. In: **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v.23, n.4, p.489-504, Out.-Dez., 2017.
- OLIVEIRA, Ivone Martins de. Imaginação, processo criativo e educação especial. In: BAPTISTA, Claudio Roberto, CAIADO, Katia Regina Moreno e Denise Meyreles de Jesus (Orgs). **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2008.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processo de Criação**. 24ª ed – Petrópolis, São Paulo: Vozes, 2009.

